

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET
CURSO DE LETRAS - TRADUÇÃO - PORTUGUÊS/INGLÊS

CAROLINY BEATRIZ ALMEIDA DELLAPARTE

**A TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DE TERMOS DA ÁREA
GASTRONÔMICA PRESENTES EM *CONFESSIONS OF A
SHOPAHOLIC* DE SOPHIE KINSELLA**

BRASÍLIA - DF

2016

CAROLINY BEATRIZ ALMEIDA DELLAPARTE

**A TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DE TERMOS DA ÁREA
GASTRONÔMICA PRESENTES EM *CONFESSIONS OF A
SHOPAHOLIC* DE SOPHIE KINSELLA**

Trabalho apresentado à Universidade de Brasília
como requisito parcial à obtenção de menção na
disciplina de Projeto Final do Curso de Letras-
Tradução-Inglês, sob a orientação da professora
Dra. Válmi Hatje Faggion.

BRASÍLIA - DF

2016

CAROLINY BEATRIZ ALMEIDA DELLAPARTE

A TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS DE TERMOS DA ÁREA
GASTRONÔMICA PRESENTES EM CONFESSIONS OF A
SHOPAHOLIC DE SOPHIE KINSELLA

Trabalho apresentado à Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção de menção na disciplina de Projeto Final do Curso de Letras - Tradução - Português/Inglês, sob a orientação da professora Dra. Válmi Hatje-Faggion.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Válmi Hatje-Faggion (UnB)
Orientadora

Dr. Pawel Jerzy Hejmanowski
Examinador

Dra. Rachael Anneliese Radhay
Examinadora

AGRADECIMENTO

Agradeço ao meu pai e à minha mãe pelo carinho de sempre e por acreditarem em mim. À minha irmã gêmea por todos os momentos de amizade e risadas. Aos meus avós pelo apoio moral e espiritual. Aos meus tios e primos pelas palavras amigas e por todo o apoio. Aos meus amigos pela ajuda que me prestaram e por me mostrarem o verdadeiro valor da amizade. A todos que fizeram e fazem parte da minha vida, ensinando-me valores éticos e morais e por dividirem momentos que guardarei para sempre.

Aproveito ainda para agradecer a todos os professores que me ensinaram muito nesses anos de faculdade, especialmente, à minha orientadora, Válmi Hatje-Faggion, que tanto me auxiliou na elaboração deste estudo. E acima de tudo a Deus, porque sem ele nada seria possível.

RESUMO

O presente Projeto Final trata da minha tradução do inglês para o português de parte da obra *Confessions of a Shopaholic* de Sophie Kinsella, publicado pela Bantam Dell, em Nova Iorque, em 2003. O objetivo deste trabalho é fazer a tradução de trechos da obra que contenham comidas e bebidas. Para realizar este trabalho, foram selecionados vinte termos, que foram traduzidos para o português do Brasil. Posteriormente, foi realizada a análise dessa tradução à luz dos procedimentos técnicos de Barbosa (2004). Foram consideradas também as contribuições teóricas de outros autores, como Toury (1995), Even-Zohar (1990), Bassnett (2003), Newmark (1988), Britto (2010). Os dados indicam os procedimentos tradutórios de estrangeirismo e de tradução literal foram os mais utilizados nos exemplos analisados, bem como foi possível concluir que o tradutor atua como mediador linguístico e cultural entre o texto de partida e o texto de chegada.

Palavras-chave: tradução literária; Sophie Kinsella; *Confessions of a Shopaholic*; comidas e bebidas.

ABSTRACT

This paper is about the translation from English to Portuguese of the novel *Confessions of a Shopaholic* by Sophie Kinsella. It was published by Bantam Dell, in New York, 2003. The objective was to translate part of the book and these parts contained words about food and beverages. The methodology was to collect twenty words and translate twenty pages of the book that had the context of these words. After that, the translation was analyzed from the point of view of translation theory written by Barbosa (2004). Moreover, this paper was based on studies written by Toury (1995), Even-Zohar (1990), Bassnett (2003), Newmark (1988), Britto (2010), and others authors. The data show that the literal translation and borrowing were the most used translation techniques in the examples; also, the translator works in the linguistic and cultural field from source text into target text.

Keywords: literary translation; Sophie Kinsella; *Confessions of a Shopaholic*; food and beverage.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	09
2.1 Questões gerais de tradução.....	09
2.2 Texto literário, tradução e cultura.....	12
2.3 Procedimentos técnicos de tradução.....	16
3 PROCESSO TRADUTÓRIO	21
3.1 Sophie Kinsella - Autora.....	21
3.2 <i>Confessions of a shopaholic</i> - Obra.....	21
3.2.1 Informações gerais.....	21
3.2.2 Resumo.....	23
3.3 Análise da tradução realizada: dificuldades e soluções.....	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
ANEXOS	44
ANEXO A – CAPAS DAS OBRAS LITERÁRIAS	45
ANEXO B – TRADUÇÃO DE TRECHOS DA OBRA	46
ANEXO C – TRECHOS DA OBRA EM INGLÊS	60

1 INTRODUÇÃO

O presente Projeto Final é resultado de estudo e pesquisa sobre a tradução do inglês para o português da obra *Confessions of a Shopaholic* de Sophie Kinsella, publicado pela Bantam Dell, em Nova Iorque, em 2003. Há uma tradução publicada no Brasil com o título *Delírios de Consumo de Becky Bloom* pela Record, no Rio de Janeiro, em 2004 (tradução de Eliane Fraga), porém o foco do projeto final é a tradução realizada por esta pesquisadora.

Neste Projeto Final, busca-se abordar alguns termos culinários presentes na referida obra, visto que não se trata de um livro didático ou profissional. Com isso, verifica-se a importância da teoria de tradução na prática tradutória e, assim, contribuir para esse processo.

Os termos da área da gastronomia envolvem a cultura do país onde o livro foi escrito, por isso podem ocorrer problemas na tradução de tais termos. Dessa forma, acredita-se que os procedimentos técnicos tradutórios podem auxiliar na tradução de termos que remetem a comidas e bebidas, considerando os elementos linguísticos e culturais da obra literária e dos termos que serão escolhidos para análise.

Dessa forma, essa pesquisa será muito útil e relevante para mostrar as dificuldades de se traduzir terminologia de especialidade, especialmente, dentro da literatura, já que, nesse contexto, a cultura do país de onde foi escrito está sempre presente. Também serão apresentadas e discutidas algumas soluções para essas dificuldades. Ademais, a presente pesquisa será muito importante para auxiliar os estudantes de estudos da tradução a terem uma maior compreensão acerca do processo tradutório.

O objetivo deste Projeto Final é fazer a tradução de parte da obra *Confessions of a Shopaholic*, de Sophie Kinsella, envolvendo alguns dos termos de comidas e bebidas presentes no livro, sob a ótica das teorias dos estudos da tradução. Além disso, apresentar a fundamentação teórica com a finalidade de debater acerca do processo tradutório e das estratégias a serem usadas na tradução para os termos gastronômicos encontrados nas vinte laudas da obra. Ademais, na sua tradução, a pesquisadora fará uso dos procedimentos técnicos de tradução de Heloisa Barbosa (2004), corroborando suas ideias com os ensinamentos de outros autores. Serão apresentadas as contribuições teóricas de autores que respaldam a

prática do processo tradutório, as tomadas de decisão e as estratégias de tradução. Há a contribuição dos seguintes autores: Gideon Toury (1995), Itamar Even-Zohar (1990), Peter Newmark (1988), Susan Bassnett (2003), Roman Jakobson (1971), Paulo Henriques Britto (2010), Raquel Guimarães (2011), dentre outros.

Quanto à metodologia, foi feito um levantamento bibliográfico de teorias e teses que colaboram com os objetivos da pesquisa. Depois, houve uma coleta e seleção de alguns termos referentes a comidas e bebidas presentes na obra literária, *Confessions of a Shopaholic*, e, a partir desta, foi feita uma tradução de parte da referida obra. Os trechos escolhidos para tradução foram aqueles que continham o contexto desses termos da área gastronômica. Com a tradução concluída, foi feita a revisão e a releitura, fazendo modificações quando necessárias.

Posteriormente, houve uma análise da tradução feita pela pesquisadora com comentários acerca das dificuldades e das soluções encontradas e dos procedimentos técnicos tradutórios. O estudo, ainda, é uma pesquisa bibliográfica, pois foram utilizados livros, artigos e periódicos. Constitui também uma pesquisa qualitativa, uma vez que é composta de interpretações e conclusões, não havendo apresentação de gráficos e números.

Por fim, este projeto final é composto pela Introdução, pelo Capítulo 2 em que serão apresentadas as questões teóricas relacionadas à tradução de parte da obra; pelo Capítulo 3, que tratará da tradução e da análise dos vinte termos da área gastronômica que envolvem o processo de tradução das vinte laudas da obra; pelas Considerações finais; pelas Referências; e pelos Anexos.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Neste capítulo, são apresentadas as teorias usadas que respaldam a prática do processo tradutório do presente estudo dos seguintes autores: Heloisa Barbosa (2004), Gideon Toury (1995), Itamar Even-Zohar (1990), Peter Newmark (1988), Susan Bassnett (2003), Paulo Henriques Britto (2010), Roman Jakobson (1971), Raquel Guimarães (2011), dentre outros.

2.1 Questões Gerais de Tradução

O termo “polissistema” foi estabelecido por Itamar Even-Zohar (1990) para criar uma melhor representação do caráter dinâmico das relações sistêmicas. Assim, a Teoria do Polissistemas entende uma cultura como um aglomerado de sistemas que interagem entre si ocasionando um processo dinâmico de evolução. Com essa definição, o sistema literário de um país é um dos sistemas que compõe o polissistema de uma macro cultura e também é um polissistema, pois, no referido sistema, estão inclusos diferentes gêneros textuais e tipos de obras.

Em relação às relações centrais e periféricas entre os polissistemas, Even-Zohar (1990) afirma que os sistemas não ocupam posições iguais. Há uma hierarquia dentro do polissistema e seu caráter dinâmico se deve a constante competição entre os sistemas que o compõem para ocupar posições mais centrais. Com as mudanças, os sistemas podem ir em direção ao centro ou se afastar do centro e aqueles que ocupavam posições centrais são substituídos por sistemas periféricos.

Quanto à posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário, Even-Zohar (1990) argumenta que há pelo menos dois modos de eles se relacionarem: primeiro, seria a forma com que as obras são selecionadas para serem traduzidas; e, segundo, seria a forma com que a tradução é efetivada, observando os comportamentos e as normas adotadas no tocante aos outros sistemas da cultura de chegada.

Even-Zohar (1990) ainda destaca que os polissistemas literários de cada país são estruturados de diversas maneiras. Com isso, em polissistemas de culturas mais antigas e dominantes, em razão de sua extensão, sua autossuficiência e seu caráter monolíngue, as traduções tendem a ocupar posições periféricas. Enquanto

que, em polissistemas de países menores e subalternos, as traduções têm um papel de maior importância e ocupam posições centrais, podendo influenciar a literatura nacional de maneira expressiva.

Gideon Toury (1995) se baseou na teoria dos polissistemas de Even-Zohar para explicar os Estudos Descritivos da Tradução (*Descriptive Translation Studies* - DTS) e passou a ver a tradução como algo inserido no sistema maior de uma determinada cultura.

Os estudos descritivos da tradução, segundo Theo Hermans (2014, p. 10-11, tradução nossa), iniciaram com

Uma visão da literatura como um sistema complexo e dinâmico; uma convicção de que deveria haver uma interação contínua entre modelos teóricos e estudos de casos práticos; uma abordagem da tradução literária que é descritiva, focada no texto-alvo, funcional e sistêmica; e um interesse pelas normas e coerções que governam a produção e a recepção de traduções, pela relação entre a tradução e outros tipos de reescrita, e pelo lugar e papel das traduções em uma determinada literatura e na interação entre literaturas.¹

Os estudos descritivos da tradução defendem uma postura descritiva, ao invés de prescritiva, dos estudos da tradução. Dessa maneira, eles procuram não estabelecer regras para as traduções que serão feitas e nem julgar as traduções já feitas, porque eles propõem que o texto traduzido seja visto como ele é de fato veiculado em um novo sistema literário, o traduzido.

Toury (1995) defende que a posição ou função de uma tradução dentro da cultura de chegada deve ser considerada como um fator importante na construção do produto final (texto traduzido), em termos de modelos, de representações linguísticas ou de ambos. Até porque as traduções sempre surgem dentro de um ambiente de cultura e são designadas a suprir determinadas necessidades e ocupar certos 'lugares'. Ademais, o autor afirma que a função ocupada por cada tradução, também governará as estratégias utilizadas para produção do texto em questão, ou seja, para o processo tradutório.

Hermans (2014) afirma que essa postura não-prescritiva da prática tradutória implica em uma análise das traduções que tem como ponto inicial o texto

¹ *A view of literature as a complex and dynamic system; a conviction that there should be a continual interplay between theoretical models and practical case studies; an approach to literary translation which is descriptive, target-oriented, functional and systemic; and an interest in the norms and constraints that govern the production and reception of translations, in the relation between translation and other types of text processing, and in the place and role of translations both within a given literature and in the interaction between literatures.*

de chegada, e não mais o texto de partida. Hermans também salienta que, para os teóricos dos estudos descritivos da tradução, a investigação da tradução começa com o fato empírico, ou seja, o próprio texto traduzido. Dessa forma, para esse autor, o mais importante é saber qual função a tradução irá desempenhar na cultura de chegada e não na cultura de partida.

No que concerne à posição do tradutor, Christiane Nord (1997) ensina que os tradutores possibilitam a comunicação entre pessoas de diferentes culturais, porque são eles que criam uma ponte entre as situações de diferenças no comportamento verbal e não verbal, nas expectativas, no conhecimento e nas perspectivas, uma vez que tais diferenças são tantas que não há um terreno suficientemente comum para o remetente e o receptor se comunicarem efetivamente por si mesmos.

Clifford Landers (2001) entende que a relação entre o autor, o tradutor e o leitor é mais precisamente descrita como uma relação linear. A vantagem desse tipo de relação é colocar o tradutor de forma mais realista em uma posição intermediária entre o autor da língua de partida e o leitor da língua de chegada, pois sem a intervenção do tradutor o autor não conseguiria alcançar o público da língua de chegada.

Para David Katan (2014), o tradutor deve ser um mediador cultural, além do tradicional papel de mediador linguístico. Assim, a escolha entre a tradução literal e a conformação ao texto de partida deve ser decidida em cada caso conforme os diferentes contextos, em que os fatores extralinguísticos também influenciarão a tomada de decisão do tradutor.

Esse também é o entendimento de Paulo Henriques Britto (2010, p. 136), para quem o tradutor é um mediador cultural, porque “traduzir é um processo de mediação bem complexo, que necessariamente envolve um grau elevado de manipulação. Essa manipulação só pode ser desprezada para todos os fins práticos quando se trata da tradução de textos” em que quase não há influência humana. Por outro lado, há a tradução literária,

Aqui não pode haver nenhuma pretensão de neutralidade, de objetividade mecânica: cada escolha implica uma série de decisões em que o tradutor é obrigado a recorrer a sua sensibilidade, a sua intuição; trata-se de um terreno traiçoeiro em que é difícil justificar as opções feitas, em que a decisão tomada pelo tradutor hoje pode muito bem ser rejeitada por ele próprio amanhã.

Com relação a essa tomada de decisão pelo tradutor literário, Friedrich Schleiermacher (2001) afirma que o tradutor tem duas opções: ou traz o texto até o leitor, “domesticando-o”, ou leva o leitor até o texto, numa tradução “estrangeirizante” e, depois de escolhido um dos dois métodos, o tradutor deve seguir tal opção do início ao fim para não confundir o autor e o leitor.

Entretanto, Britto (2010, p. 136) aponta que Schleiermacher se equivocou ao dizer isso, pois não seria possível fazer uma tradução totalmente domesticadora ou totalmente estrangeirizante. Na prática, o tradutor situa “seu trabalho em algum ponto dessa escala entre a adaptação pura e simples e a reescritura menardiana,” aproximando o texto para mais perto de um extremo ou de outro.

A partir de tal ideia de Schleiermacher, Britto (2010, p. 140) finaliza falando sobre os esforços em impedir a introdução de estrangeirismos. Esse impedimento se vale da ideia de existência de línguas “puras”; contudo, “os idiomas são organismos vivos, em constante mutação, e um dos inúmeros fatores responsáveis por essa mutação é justamente o contato entre idiomas diferentes” e essas mudanças ocorrem, muitas vezes, de maneira espontânea, por isso não pode haver controle. Assim, Britto (2010, p. 141) conclui que “para que o tradutor possa agir como mediador cultural e não como protetor da pureza de sua cultura, tem de haver um pressuposto básico: o de que as culturas podem interagir sem que uma seja engolida pela outra.”

2.2 Texto Literário, Tradução e Cultura

Primeiramente, é feita uma definição de textos literários que, segundo Raquel Guimarães (2011, p. 15), são aqueles em que a linguagem, “normalmente rica em aspectos estéticos e estilísticos,” é caracterizada principalmente “pela plurissignificação e, muitas vezes, pelo sentido conotativo de vários termos e expressões, ou seja, a linguagem literária é utilizada muitas vezes com um sentido diferente daquele que lhe é comum.” Dessa forma, tal linguagem se distingue da “linguagem não literária principalmente por esta ser uma linguagem utilizada com o seu sentido comum, isto é, empregada denotativamente.”

Guimarães (2011, p. 15-16) ainda salienta que o texto literário não tem o compromisso de tratar a realidade exterior, visto que ele retrata a expressão da realidade interior e subjetiva de seu autor. São textos que visam “entreter, emocionar

e sensibilizar o leitor” e eles criam “uma história totalmente ou parcialmente fictícia a partir de dados da realidade.” Portanto, “a função emotiva e a poética predominam no texto literário, ao passo que a função referencial é aquela que predomina nos textos não-literários.”

Após essa definição de texto literário, começa-se a tratar sobre a tradução. Para isso, destaca-se que a espécie de tradução presente neste estudo é a tradução interlingual ou tradução propriamente dita que, conforme Roman Jakobson (1971, p. 69), “(...) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.” Ele, ainda, esclarece que “as línguas diferem essencialmente naquilo que devem expressar, e não naquilo que podem expressar.”

Jakobson (1971, p. 64) afirma que “(...) o significado de um signo linguístico não é mais que sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente um signo ‘no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo’ (...).”

Esse entendimento é complementado por Susan Bassnett (2003), que destaca que a tradução vai além de transferir um sentido contido em um conjunto de signos linguísticos (por exemplo, um texto) para outro conjunto de signos linguísticos (outro texto), visto que envolve vários critérios extralinguísticos. Assim, Bassnett (2003, p. 36) observa que a língua é “o coração do corpo da cultura, e é a interacção (sic) entre as duas que assegura a continuação da energia vital” e “o tradutor não pode tratar o texto separado da cultura sem correr um grande risco.”

Peter Newmark (1988) aponta, como seu conceito de cultura, o modo de vida e suas manifestações que são peculiares de uma comunidade que usa uma linguagem específica como forma de expressão. Por isso, quando a cultura é um aspecto determinante, haverá, frequentemente, um problema de tradução devido à diferença cultural entre as línguas de partida e de chegada.

Além disso, Bassnett (2003) salienta que o tradutor precisa atender ao uso particular de um termo na frase em si mesma e na frase em relação com outras frases, além de atender ao texto global e aos contextos culturais da frase. Bassnett (2003, p. 136) também explica que o tradutor deve traduzir e interpretar, pois ele “aborda o texto a partir de mais de um conjunto de sistemas” e aquelas atividades não estão separadas. Ademais, a tradução interlinguística deve refletir “seguramente a interpretação criativa que o tradutor faz do texto original.”

No que concerne ao texto literário, Bassnett (2003, p. 185) explica que o tradutor deve considerar “o texto narrativo como uma entidade estruturada, tendo sempre em conta as exigências estilísticas e sintáticas da língua de chegada.” Bassnett (2003, p. 185) aborda as regras de Hilarie Belloc e conclui que “Belloc reconhece que há uma responsabilidade moral relativamente ao original.” Entretanto, Bassnett (2003, p.185) acredita que “o tradutor tem o direito de alterar significativamente o texto no processo de tradução por forma a oferecer ao leitor da LC [língua de chegada] um texto em conformidade com as normas estilísticas e idiomáticas que lhe são próprias.”²

Esse entendimento é corroborado por Haroldo de Campos (2004, p. 35, grifo do autor) quando ele diz que a “tradução de textos criativos será sempre *recriação*, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. Quanto mais dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação.” Assim, ele estabelece que, na tradução de textos criativos, “não se traduz apenas o significado, *traduz-se o próprio signo*, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma.”

Em relação à língua e à cultura, Ana Costa (2006, p. 19-20) comenta que:

Hoje em dia, língua e cultura são vistas como intrinsecamente ligadas. Kramersch argumenta que a cultura se manifesta através da língua, mas ao mesmo tempo a cultura é uma relação linguisticamente mediada do discurso de uma comunidade, seja ele real ou imaginário. Portanto, a língua exerce um papel fundamental na caracterização, na formação e nas inter-relações culturais.

Quanto à tradução e à cultura, Marta Rosas (*apud* Ballesteros, 2012) destaca que a tradução deve considerar, antes de qualquer coisa, a indissociabilidade entre o elemento linguístico e o cultural, e a função do texto traduzido e o papel de intérprete cabe ao tradutor no cumprimento de sua tarefa.

No que diz respeito à língua e à culinária, Alessandra Harden e Natália Reis (2013, p. 39) explicam que elas se afastam e se aproximam: “Ambas pontuam momentos importantes da vida dos povos e permeiam acontecimentos em diversas culturas”, em que “ocasiões especiais são marcados tanto pela preparação e consumo de pratos e receitas específicas permeadas pela fala ou pela escrita”.

² Susan Bassnett (2003) teve essa conclusão ao analisar o seguinte texto: BELLOC, Hilarie. *On translation*. Oxford: The Clarendon Press, 1931.

Assim, para Harden e Reis (2013, p. 39-40),

[...] a tradução, que também se faz pelas semelhanças e diferenças, revela-se como o elo forte, capaz e indispensável para conectar literatura, ciência, língua e culinária, porque povos e mundos se afastam não só pelo espaço físico, claro, mas pelo conhecimento e pela ciência que desenvolvem, pelas comidas que consomem e pelas línguas que falam. A tradução serve, assim, para marcar as semelhanças sem apagar as diferenças que tornam cada cultura única.

Tais entendimentos podem ser complementados pelo que ensina Hans Vermeer (*apud* Costa, 2006, p. 22), que argumenta que “a tradução não pode deixar de ser um processo cultural porque, em primeiro lugar, a língua faz parte da cultura.” Em segundo lugar, “a socialização mantém unidos a linguagem e a cultura, embora não haja uma relação unívoca entre elas.” Por último, “a tradução é um processo de transferência cultural que não é estático, matemático e que é orientada pelos alvos a serem atingidos, sendo, portanto, influenciada pela cultura.” Vermeer conclui que “a tradução é um ato transcultural de produção de texto, definido pelos objetivos a serem atingidos em um contexto determinado.”

Válmi Hatje-Faggion (2016) salienta que uma obra pode ser reescrita, retraduzida infinitamente na mesma cultura ou em uma nova cultura. Por isso, ela afirma que, questões relacionadas à comida e bebida são tratadas de modo diverso nas traduções, mostrando que são continuamente reescritas para diferentes leitores, línguas e gerações, visto que as comidas e bebidas constituem elementos vitais na identidade cultural de cada país e são observados como tal pelos seus tradutores.

Isso é corroborado por Newmark (1988, p.97), porque ele destaca que, a comida é, para muitas pessoas, o modo mais importante e sensível de expressão da cultura nacional e os termos referentes à comida estão sujeitos a uma grande variedade de procedimentos de tradução.

Dessa forma, o processo tradutório envolve mais do que substituir os elementos linguísticos do texto de partida. É preciso lidar com critérios que transcendem o linguístico, pois os tradutores devem considerar a cultura, o contexto social, as relações de um termo com outro e com toda a língua, e a interpretação do texto.

Portanto, podem ocorrer dificuldades na tradução dos termos envolvendo comidas e bebidas, visto que estes envolvem a cultura do país onde o livro foi escrito. Assim, acredita-se que os ensinamentos acima e os procedimentos técnicos

tradutórios (a seguir) podem auxiliar na tradução dos referidos termos neste Projeto Final, considerando os elementos linguísticos e culturais da obra literária.

2.3 Procedimentos Técnicos de Tradução

Neste tópico, são apresentados os procedimentos técnicos de tradução elaborados por Heloísa Barbosa (2004). Ainda, há muitas teorias trazendo vários modelos de estratégias de tradução e cada autor dessas teorias apresenta os seus procedimentos a serem adotadas no processo tradutório. Por isso, Barbosa (2004), após analisar os modelos de tradução de diversos teóricos, como Vinay e Darbelnet, Newmark, Nida, Aubert, dentro outros, trouxe a sua “proposta de categorização dos procedimentos técnicos da tradução”.

No total, são treze procedimentos, que a autora (2004) distribui em quatro eixos: i) convergência do sistema linguístico, da realidade extralinguística e do estilo (tradução palavra-por-palavra e tradução literal); ii) divergência do sistema linguístico (transposição, modulação e equivalência); iii) divergência do estilo (omissão, explicitação, compensação, reconstrução de períodos e melhorias); e, iv) divergência de realidade extralinguística (transferência – que engloba estrangeirismo, transliteração, aclimatação e transferência com explicação –, explicação, decalque e adaptação).

O primeiro eixo, i) convergência do sistema linguístico, da realidade extralinguística e do estilo, tem a seguinte subdivisão:

a) **Tradução palavra-por-palavra:** Barbosa (2004) utiliza a definição feita por Aubert (1987, p. 15): “a tradução em que determinado segmento textual (palavra, frase, oração) é expresso” na língua de chegada “mantendo-se as mesmas categorias numa mesma ordem sintática, utilizando vocábulos cujo semanticismo seja (aproximadamente) idêntico ao dos vocábulos correspondentes no texto em língua de partida.” Por exemplo, na frase, “*he wrote a letter*”, a tradução palavra-por-palavra é “*ele escreveu uma carta*”. Entretanto, seu uso é restrito, já que são raras as convergências entre as línguas (BARBOSA, 2004).

b) **Tradução literal:** a autora usa novamente a definição feita por Aubert (1987, p. 15), em que ele diz que tal tradução é “aquela em que se mantém uma fidelidade semântica estrita, adequando porém a morfo-sintaxe (sic) às normas gramaticais” da língua de chegada. Esclarece-se que a fidelidade semântica denota

o significado dos termos. Por exemplo, a frase “*it is a known fact*” é traduzida simplesmente por “*é fato conhecido*”.

O segundo eixo, ii) divergência do sistema linguístico, tem a seguinte subdivisão:

a) **Transposição:** “consiste na mudança de categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir” (BARBOSA, 2004, p. 66). Ou seja, ocorre esse procedimento tradutório quando há mudança de categoria gramatical, por exemplo, um verbo na língua de partida passa a ser um advérbio na língua de chegada, sem alterar a mensagem original. Pode ser obrigatória “quando é imprescindível para que a tradução se atenha às normas” da língua de chegada, ou facultativa “quando é realizada por razões de estilo” (BARBOSA, 2004, p. 67).

Para complementar tal entendimento, Elisa Duarte Teixeira (2008, p. 126), que trabalha com linguística de corpus, explica que essa estratégia, na área gastronômica, é usada para auxiliar a tradução das seguintes situações: “*pimenta-do-reino moída na hora* → *freshly ground black pepper*; *shaved parmesan cheese* → *lascas de queijo parmesão*”.

b) **Modulação:** é a reprodução da mensagem do texto de partida no texto de chegada, porém sob o ponto de vista diverso, refletindo a “diferença no modo como as línguas interpretam a experiência do real.” Pode ser obrigatória, quando o termo traduzido já está dicionarizado, ou facultativa quando é uma diferença de estilo (BARBOSA, 2004, p. 67). Assim, Teixeira (2008, p. 126) aponta que esse procedimento, na culinária, é usado para traduzir as seguintes situações: “*lettuce head* → *pé de alface*; *garlic clove* → *dente de alho*”.

c) **Equivalência:** corresponde à substituição de um segmento do texto de partida por outro segmento da língua de chegada que “não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente.” Normalmente, este procedimento é “aplicado a clichês, expressões idiomáticas, provérbios, ditos populares e outro elementos cristalizados da língua” (BARBOSA, 2004, p. 67-68). Dessa maneira, Teixeira (2008, p. 127) exemplifica essa estratégia, na área gastronômica, com o seguinte: “*seafood* → *peixes e frutos do mar*; *melt chocolate in a double-boiler* → *derreta o chocolate em banho-maria*.”

O terceiro eixo, iii) divergência do estilo, tem a seguinte subdivisão:

a) **Omissão:** é a omissão de elementos do texto de partida que são desnecessários ou repetitivos sob a ótica da língua do texto de chegada (BARBOSA,

2004), como a omissão dos pronomes pessoais como sujeito na tradução de textos em inglês para o português.

b) **Explicitação:** é o inverso da omissão, em que os elementos ausentes no texto de partida devem estar presentes no texto de chegada (BARBOSA, 2004), como a obrigatoriedade do uso dos pronomes pessoais como sujeito nos textos em inglês. Por exemplo, Teixeira (2008, p. 127) explica que essa estratégia, na culinária, é usada na seguinte tradução: “*Mix sugar, flour, cocoa, butter and hot water* → *Misture o açúcar, a farinha, o chocolate em pó e a água quente; 1lb carrots, cut into 1/4 inch thick slices → 1/2 kg de cenouras cortadas em rodela de 0,5 cm.”*

c) **Compensação:** corresponde ao deslocamento de um recurso estilístico para uma parte diferente do texto de chegada, quando não for possível reproduzi-lo no mesmo ponto do texto de partida, por exemplo, os trocadilhos podem ser feitos em outro ponto do texto se não for possível com o mesmo grupo de palavras (BARBOSA, 2004).

d) **Reconstrução de períodos:** é a redivisão ou o agrupamento de períodos e orações do texto de partida ao fazer a tradução para a língua de chegada, por exemplo, no português, as frases costumam ser mais longas do que no inglês (BARBOSA, 2004).

e) **Melhorias:** “consistem em não se repetirem na tradução os erros de fato ou outros tipos de erro” cometidos no texto de partida (BARBOSA, 2004, p. 70). Na área gastronômica, tal definição pode ser entendida com o seguinte exemplo apontado por Teixeira (2008, p. 128): “*spaghetti with tomato pangriatata* → *Espagete com pangrattato de tomate seco.*”

E, o quarto eixo, iv) divergência de realidade extralinguística, tem a seguinte subdivisão:

a) **Transferência:** é a introdução de material textual da língua de partida para a língua de chegada (BARBOSA, 2004).

São quatro formas de transferência:

a.1) **Estrangeirismo:** é a transferência para o texto de chegada de vocábulos ou expressões que “se refiram a um conceito, técnica ou objeto mencionado” no texto de partida e que sejam desconhecidos pelos falantes da língua de chegada (BARBOSA, 2004, p. 71). Para Teixeira (2008, p. 128), essa estratégia, na área culinária, é usada na seguinte situação: “*1/2 cup cream cheese* → *1/2 xícara de cream cheese.*”

a.2) **Transliteração:** corresponde à substituição de uma convenção gráfica do texto de partida por outra na tradução (BARBOSA, 2004), por exemplo, no diálogo, as aspas, em inglês, são trocadas por travessão, em português.

a.3) **Aclimatação:** é o processo por meio do qual “os empréstimos são adaptados à língua que os toma.” Ocorre, assim, a adaptação do termo à estrutura fonológica e morfológica da língua de chegada (BARBOSA, 2004, p. 73). Para complementar tal entendimento, Teixeira (2008, p. 128) explica que esse procedimento, na culinária, foi usado nos seguintes exemplos: “*sandwich* → *sanduíche*; *cheeseburger* → *x burger*”.

a.4) **Transferência com explicação:** se o contexto não permite a compreensão do leitor acerca do significado de um estrangeirismo, o tradutor deve acrescentar ao termo uma explicação. Esta pode ocorrer por meio de notas de rodapé ou explicações diluídas no texto (BARBOSA, 2004). Tal explicação é corroborada por Teixeira (2008, p. 128) com os seguintes exemplos culinários: “3 oz *crème fraîche* → 100g *crème fraîche** (N.T.: *Especialidade francesa, é um tipo de creme de leite fermentado*)” e “1/2 cup *maple syrup* → 1/2 xícara de *maple syrup* (*xarope de bordo*).”

b) **Explicação:** “havendo necessidade de eliminar do TLT os estrangeirismos para facilitar a compreensão, pode-se substituir o estrangeirismo pela sua explicação” (BARBOSA, 2004, p. 75, grifo da autora). Ou seja, o estrangeirismo é retirado e é substituído pela sua explicação. Neste caso, Teixeira (2008, p. 129) explica que, na área gastronômica, é usada para auxiliar na tradução nas seguintes situações: “*Sunday barbecue* → *Churrasco americano de domingo*.”

c) **Decalque:** “consiste em traduzir literalmente sintagmas ou tipos frasais” da língua de partida no texto da língua de chegada (BARBOSA, 2004, p. 76, grifo da autora). Para complementar tal entendimento, Teixeira (2008) exemplifica que é decalque traduzir “*red onion*” por “cebola vermelha” em vez de “cebola roxa” e traduzir “*chocolate semi-sweet*” por “chocolate semi-doce” em vez de “chocolate meio-amargo”.

d) **Adaptação:** ocorre em casos em que a situação a que se refere o texto de partida não existe na realidade extralinguística dos falantes da língua de chegada. Tal situação pode ser recriada por outra equivalente na realidade extralinguística da língua de chegada (BARBOSA, 2004). Para Teixeira (2008), na

culinária tal entendimento é exemplificado com a seguinte situação: *canned beans* → Grãos e feijões cozidos.

Raquel Guimarães (2011, p. 17-18) menciona que “a adoção de um determinado procedimento tradutório não exclui a possibilidade de utilização de outros procedimentos em um mesmo trabalho de tradução” e “mesmo quando dois ou mais procedimentos são conceitualmente antagônicos, eles podem ser adotados em uma mesma obra de tradução.” Dessa maneira, se o tradutor, por exemplo, empregar a *equivalência*, ele não se encontra impedido de também fazer a *adaptação* ou *estrangeirismo*.

No próximo capítulo, serão observados os procedimentos técnicos de tradução propostos por Barbosa (2004) na minha tradução de *Confessions of a Shopaholic* de Sophie Kinsella. Os exemplos retirados dessa tradução contemplarão palavras que remetem a comidas e bebidas.

3 PROCESSO TRADUTÓRIO

Neste capítulo, é apresentada e comentada parte da tradução de vinte laudas de trechos da obra *Confessions of a Shopaholic* de Sophie Kinsella, São mostrados exemplos de estratégias e soluções para os termos referentes a comidas e bebidas. Além disso, são apresentadas a biografia da autora, as informações e o resumo da obra.

3.1 Sophie Kinsella - Autora

Sophie Kinsella é o pseudônimo pelo qual Madeleine Wickham é mais conhecida. Ela nasceu em Londres, é uma escritora literária, mas trabalhava como jornalista financeira quando lançou sua primeira obra. Ela começou estudando “Música” em *New College, Oxford*, mas, depois de um ano, trocou o curso para “Política, Filosofia e Economia”. Ela mora em Londres com o seu marido e família. No início, ela assinava seus livros como Madeleine e, depois de sete livros publicados, passou a adotar o seu pseudônimo. No total, já escreveu 23 obras, oito delas são da série *Shopaholic*, e já foram publicadas em 30 países. Há, ainda, uma pequena história da série *Shopaholic*, disponível gratuitamente no site da autora (www.sophiekinsella.co.uk), em que foi possível conseguir todas essas informações.

3.2 *Confessions of a Shopaholic* - Obra

3.2.1 Informações gerais

A obra é um romance estrangeiro, também chamada de *chick lit*³, que é uma característica da escrita da autora. A história se desenvolve na Inglaterra e a obra é a primeira de sete livros da série *Shopaholic*, sendo que a cada livro uma nova história é narrada com outras situações engraçadas da protagonista. É dividida em 24 capítulos, os quais são apresentados por números e não possuem títulos.

³ *Chick lit* é um gênero dentro da ficção feminina, que trata sobre questões modernas, é sempre protagonizado por mulheres. Fonte: Wikipédia. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Chick_lit. Acesso em 05/09/2016.

O gênero é narrativo, no estilo romance, e o narrador é o personagem, mas não se trata de um monólogo, há a ocorrência de diálogos entre a protagonista e os outros personagens. A narrativa foi realizada na primeira pessoa do singular, sob a perspectiva e ponto de vista de Rebecca “Becky” Bloomwood, a protagonista. Apesar de a protagonista ser uma jornalista financeira e consumidora compulsiva, os termos da área gastronômica se destacaram, uma vez que, ao longo do livro, há conversas acerca de comidas e bebidas e, nas páginas 106 a 114 (em anexo), a história é narrada em torno da preparação e degustação da receita de *curry*.

Ademais, como o livro foi escrito por uma autora britânica, há algumas diferenças de linguagem para o inglês norte-americano, por exemplo, o uso da palavra *bloody*, uma gíria britânica usada para intensificar o significado de uma palavra, por exemplo, “Don’t you bloody insult me!”.

Em relação às críticas e recepções acerca da referida obra literária, estas foram todas positivas, o que demonstra como a obra foi bem aceita pelo público em geral e há alguns exemplos a seguir. A revista *US Weekly* publicou: “*Don’t wait for a sale to buy this hilarious book.*” O jornal britânico *The Mirror* comentou: “*Perfect for anyone wishing that bank statements came in more colours than just black and red.*” O jornal norte-americano *The Star-Ledger* comparou o livro a uma sobremesa: “*If a crème brûlée could be transmogrified into a book, it would be Confessions of a Shopaholic.*” A revista britânica *Glamour* escreveu: “*Kinsella’s heroine is blessed with the resilience of ten women, and her damage-limitation brainwaves are always good for a giggle*”.

A referida obra de Sophie Kinsella foi traduzida para o português com o título *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom*, publicado pelo Grupo Editorial Record, no Rio de Janeiro, em 2004, e o trabalho de tradução foi feito por Eliane Fraga (ela teve uma formação acadêmica e vida profissional na área pedagógica e também em tradução).

A tradução em português segue as mesmas características descritas acima para a obra em inglês: 24 capítulos; gênero narrativo no estilo romance; narrado na primeira pessoa do singular, sob a perspectiva e ponto de vista da protagonista, Rebecca “Becky” Bloomwood; e a história se desenvolve na Inglaterra. A tradução da obra também foi bem aceita pelos críticos, por exemplo, a revista feminina *Marie Claire* escreveu: “Contagante: enquanto ri das encrencas de Becky, a leitora torce para que, no final, ela consiga pagar o cartão de crédito.” A revista de

celebridades *Isto É Gente* comentou o seguinte sobre o livro: “Inglês no estilo Bridget Jones faz rir do consumismo feminino.” Ainda, a revista *Meu Dinheiro* publicou que “É impossível não se identificar com as aventuras da protagonista.”⁴

Uma adaptação para o cinema da referida obra foi realizada em 2009, nos Estados Unidos. O título em português é “Os Delírios de Consumo de Becky Bloom”. Foi dirigido por P. J. Hogan, produzido por Jerry Bruckheimer e distribuído pela *Walt Disney Studios e Motion Pictures*. A atriz Isla Fisher atuou como Rebecca Bloomwood, a jornalista consumidora compulsiva, e o ator Hugh Dancy atuou como Luke Brandon, seu chefe. O filme tem a duração de 104 minutos. Contudo, foram feitas modificações no filme, por exemplo, o enredo do filme é baseado nas histórias do primeiro e do segundo livro da série *Shopaholic* (*Confessions of a Shopaholic* e *Shopaholic Takes Manhattan*); e, ainda, a protagonista, Rebecca Bloomwood, foi retratada como sendo norte-americana e não de nacionalidade britânica.⁵

3.2.2 Resumo de *Confessions of a Shopaholic*

Rebecca “Becky” Bloomwood é uma garota londrina de 25 anos e é uma consumidora compulsiva. Apesar de ser uma jornalista que escreve sobre economia para a revista *Successful Saving*, um emprego de que não gosta e que paga pouco, ela não consegue controlar o próprio dinheiro, tem várias dívidas, vive fugindo do seu gerente de banco e procura maneiras diversas para pagar a fatura do cartão de crédito. Seu único consolo é comprar algo para si mesma, nem que seja algo pequeno. Quando surge um problema com os vizinhos de seus pais, Becky escreve um artigo para outra revista, desencadeando eventos que transformará a sua vida e as vidas de pessoas a sua volta.

3.3 Análise da tradução realizada: estratégias, dificuldades e soluções

A tradução dos trechos da obra *Confessions of a Shopaholic* foi uma experiência desafiadora e empolgante, em que foi possível aprender mais sobre o processo tradutório. A seguir, são apresentados e comentados alguns exemplos que

⁴ Fonte: GRUPO Editorial Record. Sinopse de “Becky Bloom: Delírios de Consumo na 5ª Avenida. Disponível em http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=22032. Acesso em 05/09/2016.

⁵ Fonte: *Confessions of a Shopaholic* (film). Site Wikipedia. Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Confessions_of_a_Shopaholic_\(film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Confessions_of_a_Shopaholic_(film)). Acesso em 19/10/2016.

ilustram as dificuldades, as soluções encontradas e as estratégias adotadas. Ainda, são aplicados os procedimentos técnicos tradutórios estabelecidos por Barbosa (2004) aos termos escolhidos que remetem a comidas e bebidas.

EXEMPLO 1

Texto de partida	Texto traduzido
<i>Cappuccino</i> (Kinsella, 2003, p. 74)	<i>Cappuccino</i> (Dellaparte, 2016)

Este termo e os próximos termos dos Exemplo 3, Exemplo 4 e Exemplo 5 foram tirados de uma lista que a personagem protagonista Rebecca fez para calcular quanto de dinheiro ela gastou naquele dia, pois ela está tentando economizar e, para isso, precisa saber o valor das despesas e com que coisas ela gasta dinheiro.

Para traduzir o termo “*cappuccino*”, optei por mantê-lo, ou seja, a estratégia de tradução utilizada foi o estrangeirismo. Houve a transferência do vocábulo do original para a língua de chegada (BARBOSA, 2004). A palavra italiana “*cappuccino*” está descrita no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) com outra grafia: “capucino” e “capuchino”. Porém, não é usual ver nenhuma dessas duas grafias nas cafeterias brasileiras; normalmente, as cafeterias oscilam entre o uso das grafias “cappuccino” e “capuccino”. Assim, escolhi por manter a palavra em italiano com duas letras “p” e “c”. Ainda, tal termo está presente com a grafia “*cappuccino*” no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa Online e no livro de receitas *Dona Benta* (2013). Destaca-se que este livro foi usado como texto paralelo para comentar alguns dos exemplos aqui citados por ser tradicional na área de receitas brasileiras, visto que já está na 77ª edição pela Cia Editora Nacional...

EXEMPLO 2

Texto de partida	Texto traduzido
<i>Muffin</i> (Kinsella, 2003, p. 74)	<i>Muffin</i> (Dellaparte, 2016)

Para traduzir o termo “*muffin*”, escolhi manter a palavra inglesa no texto de chegada. Isso configura a estratégia do estrangeirismo, pois foi feita a transferência dos vocábulos do original para a língua de chegada (BARBOSA,

2004). A palavra “*muffin*” é muito utilizada no Brasil e está presente no VOLP como palavra masculina estrangeira, em várias confeitarias brasileiras, no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa Online, no dicionário Houaiss (2009) e no livro de receitas *Dona Benta* (2013).

EXEMPLO 3

Texto de partida	Texto traduzido
<i>Egg and cress sandwich</i> (Kinsella, 2003, p. 74)	Sanduíche de ovo e agrião (Dellaparte, 2016)

Para traduzir “*egg and cress sandwich*”, optei por “sanduíche de ovo e agrião”. Essa tradução não apresentou dificuldades, já que são termos simples e comuns: “*sandwich*” é “sanduíche”; “*egg*” significa “ovo”; e, “*cress*” significa “agrião”. Mas, as estratégias de tradução foram a aclimação e a tradução literal. Houve a aclimação fonológica e morfológica do empréstimo para a língua de chegada (BARBOSA, 2004), ou seja, do inglês “*sandwich*” para o português “sanduíche”. Ao passo que houve a tradução literal, uma vez que foi mantida a semântica do texto de partida, mas os termos foram adequados para a estrutura morfossintática da língua de chegada (AUBERT, 1987). Ou seja, para se adequar à língua de chegada, foi preciso inverter a ordem na frase e acrescentar o “de”, ficando “sanduíche de ovo e agrião”.

EXEMPLO 4

Texto de partida	Texto traduzido
<i>Banana smoothie</i> (Kinsella, 2003, p. 74)	Vitamina de banana (Caroliny, 2016)

Para traduzir “*banana smoothie*”, escolhi “vitamina de banana”, fazendo uso da estratégia da explicação. Isto é, o estrangeirismo é eliminado e substituído por sua explicação (BARBOSA, 2004). Já vi a palavra “*smoothie*” sendo usada em algumas sorveterias recentes no Brasil. Contudo, não é tão comum como os outros termos já citados, ficando difícil visualizar o que a personagem está consumindo; por isso, optei por substituir o estrangeirismo pela explicação, sendo que, conforme o dicionário Merriam-Webster, “*smoothie*” significa “*a creamy beverage made of fruit*”

*blended with juice, milk, or yogurt*⁶ e se assemelha à maneira de se preparar uma “vitamina”, que é feita normalmente com frutas batidas no liquidificador com leite ou água. Ademais, o dicionário Oxford (2013, p. 661) indica que o termo “*smoothie*” é um substantivo e significa “vitamina (bebida)”. Por último, tal termo não consta no VOLP, no dicionário Priberam, no dicionário Houaiss (2009) ou no livro de receitas *Dona Benta* (2013).

EXEMPLO 5

Texto de partida	Texto traduzido
<i>The bread's gone all soggy, and some pickle's leaked out onto the foil and it really doesn't look very appetizing at all.</i> (Kinsella, 2003, p. 80)	O pão ficou todo úmido, alguns picles escorreram pelo papel alumínio e não parece nem um pouco apetitoso. (Dellaparte, 2016)

Para traduzir “*pickle*”, optei por “picles”, fato que remete a estratégia de aclimatação. Houve uma aclimatação fonológica e morfológica do empréstimo para a língua de chegada (BARBOSA, 2004), isto é, do inglês “*pickle*” para o português “picle”. Essa tradução não apresentou dificuldades; é um termo muito simples e comum nas redes internacionais de *fast-food* no Brasil, mas não é muito usado em receitas brasileiras. Ainda, como essa palavra, há muitos termos de outras línguas, que foram adaptadas para a realidade gramatical brasileira e, provavelmente, não trariam dificuldades, diferentemente de outros termos mais complexos apresentados nesta análise de tradução.

EXEMPLO 6

Texto de partida	Texto traduzido
<i>What I crave at that moment is Pret à Manger walnut bread and chocolate brownie.</i> (Kinsella, 2003, p. 80)	O que eu desejo nesse momento é um pão de nozes e um brownie de chocolate da <i>Pret à Manger</i> . (Dellaparte, 2016)

Para traduzir “*walnut bread*” e “*chocolate brownie*”, escolhi “pão de nozes” e “brownie de chocolate”, respectivamente. Houve, assim, o uso dos procedimentos de tradução literal e de estrangeirismo. Este foi usado com o termo “*brownie*”, pois

⁶ “*Smoothie*” in *Dictionary Merriam-Webster online*. Disponível em <http://www.merriam-webster.com/dictionary/smoothie>. Acesso em 02/11/2016.

foi feita a transferência do vocábulo do texto de partida para o texto de chegada (BARBOSA, 2004). Ademais, a palavra inglesa “*brownie*” é muito usada no Brasil e está presente no VOLP como palavra estrangeira, no dicionário Houaiss (2009), no dicionário de gastronomia de Myrna Corrêa (2016) e no livro de receitas *Dona Benta* (2013). Ao passo que “*walnut bread*” é um termo muito simples e não há complicações na sua tradução, a palavra “*walnut*” significa “nozes” e “*bread*” significa “pão”. Por último, houve a tradução literal devido ao fato que foi mantida a semântica do texto de partida, mas os termos foram adequados para a estrutura morfossintática da língua de chegada (AUBERT, 1987). Ou seja, para se adequar à língua de chegada, foi preciso inverter a ordem das palavras na frase e acrescentar o “de”, ficando “pão de nozes” e “brownie de chocolate”.

EXEMPLO 7

Texto de partida	Texto traduzido
[...] <i>swig down some Peach Herbal Blast. When I've finished, I throw away my foil, screw the top back on the Peach Herbal Blast bottle, and put it in our tiny office fridge.</i> (Kinsella, 2003, p. 80)	[...] bebi um gole do chá gelado de pêssego . Quando terminei, joguei fora o papel, tampei a garrafa e a guardei na pequena geladeira do escritório. (Dellaparte, 2016)

Para traduzir “*Peach Herbal Blast*” e “*Peach Herbal Blast bottle*”, optei por “chá gelado de pêssego” e “garrafa”, que levou a uma mistura de três procedimentos de tradução: adaptação, explicação e omissão.

A tradução desse termo foi uma das mais difíceis do texto, visto que, depois de pesquisar na Internet, percebi que tal produto não existe e provavelmente foi uma invenção da autora. Ou seja, o termo a que se refere o texto de partida não existe na realidade extralinguística dos falantes da língua de chegada (adaptação); porém, para adaptar, foi preciso usar o procedimento de explicação, em que, para facilitar a compreensão, o estrangeirismo foi substituído por sua explicação (BARBOSA, 2004). Em outras palavras, o estrangeirismo foi adaptado e explicado à realidade brasileira, visto que “*peach*” é “pêssego”, “*herbal*” é um adjetivo relativo a “ervas” (OXFORD, 2013) e, associando o termo “ervas” ao costume dos britânicos de tomarem chá, que é uma infusão de folhas ou flores de plantas (Dicionário Priberam), tem-se o termo “chá de pêssego”. Ainda, a palavra “gelado” foi

acrescentada para deixar claro desde o começo que não se trata de chá quente, visto que a personagem guarda o chá na geladeira.

Quanto ao procedimento de omissão, o termo “*blast*” e a segunda ocorrência de “chá gelado de pêssego” no texto foram omitidos por serem desnecessários e repetitivos, respectivamente, sob a ótica da língua do texto de chegada (BARBOSA, 2004).

EXEMPLO 8

Texto de partida	Texto traduzido
<p><i>I've ordered grilled scallops and as I take my first bite, I nearly swoon.</i> (Kinsella, 2003, p. 95)</p>	<p>Eu pedi vieiras grelhadas e, ao dar minha primeira mordida, quase desmaiei. (Dellaparte, 2016)</p>

Para traduzir “*grilled scallops*”, escolhi “vieiras grelhadas” que remete ao procedimento de tradução literal, pois foi mantida a semântica do texto de partida, mas os termos foram adequados para a estrutura morfossintática da língua de chegada (AUBERT, 1987). Dessa forma, o termo “*scallops*” foi traduzido por “vieiras”, conforme o Dicionário de Termos Gastronômicos em Seis Idiomas de Roberta Saldanha (2015, p. 378) e o *Portuguese-English Bilingual Visual Dictionary* (2010, p. 121), e o termo “*grilled*” é “grelhado”, pois deriva do verbo “grill” que significa “grelhar”, conforme o dicionário Oxford (2013, p. 493). Contudo, para se adequar à língua de chegada, foi preciso inverter a ordem na frase, pois “vieiras” devem vir antes de “grelhadas”.

Além disso, o termo “*scallops*” tem a grafia parecida com outro termo: “escalope”. Este termo é usado tanto em inglês quanto em português e possuem o mesmo significado “fatias ou pedaços finos de carne” (Dicionário Priberam e *Cambridge Dictionary*). Entretanto, o *MacMillan Dictionary* traz que tal significado corresponde a definição do inglês britânico, pois, no inglês norte-americano, o significado seria o mesmo de “scallop”. Assim, no exemplo analisado, o termo “*scallops*” é a definição do inglês britânico “vieiras”.

EXEMPLO 9

Texto de partida	Texto traduzido
<p><i>After my scallops I have steak béarnaise and chips [...]</i> (Kinsella, 2003, p. 95)</p>	<p>Depois das vieiras, comi bife com molho béarnaise e batata frita [...] (Dellaparte, 2016)</p>

Para traduzir “*steak béarnaise and chips*”, escolhi “bife com molho *béarnaise* e batata frita”, privilegiando a estratégia da transferência com explicação, já que o contexto pode não ser suficiente para o leitor entender o significado; assim, o termo vem acompanhado por uma explicação (BARBOSA, 2004). Deste modo, “*steak*” é traduzido por “bife” e “*béarnaise*” é mantido como no original, mas acompanhado da explicação que indica que se trata de um molho. Dessa maneira, é possível entender que o “*steak béarnaise*” vem com esse molho e não confundir “*béarnaise*” como o nome do prato. O molho “*béarnaise*” tem origem na culinária francesa e é feito com cebolas roxas, estragão, tomilho, folha de louro, vinagre branco, vinho branco, gemas, manteiga, limão, e sal e pimenta a gosto.⁷

O termo “*chips*” é a forma britânica de falar “batata frita”, já, no inglês norte-americano, a palavra usada é “*french fries*”. Como o livro foi escrito no inglês britânico, a tradução para “*chips*” é “batata frita”, de acordo com o dicionário Oxford (2013) nas páginas 35 (significado da palavra “batata”) e 397 (significado da palavra “chips”).

EXEMPLO 10

Texto de partida	Texto traduzido
<p><i>[...] when all the others say no thanks to the pudding menu, I order chocolate mousse.</i> (Kinsella, 2003, p. 95)</p>	<p>[...] quando os outros disseram “não, obrigado” ao cardápio de sobremesa, eu pedi um musse de chocolate [...] (Dellaparte, 2016)</p>

Para traduzir “*pudding menu*” e “*chocolate mousse*”, optei por “cardápio de sobremesa” e “*musse de chocolate*”, respectivamente. Ambas as traduções se enquadram no procedimento de tradução literal, pois foi mantida a semântica do texto de partida. No entanto, os termos foram adequados para a estrutura morfossintática da língua de chegada (AUBERT, 1987);foi preciso inverter a ordem

⁷ Receita retirada do site do *chef* francês Olivier Anquier. Molho Béarnaise. Disponível em <http://www.olivieranquier.com.br/novo/2014/02/molho-bearnaise/>. Acesso em 04/10/2016.

na frase e acrescentar o conetivo “de” para se adequar à língua de chegada, ficando “cardápio de sobremesa” e “musse de chocolate”. Além disso, o termo “*pudding*” foi traduzido por “sobremesa”, pois, no inglês britânico, tal termo também significa “sobremesa”, além do doce “pudim” (OXFORD, 2013, p. 613), e o termo “*menu*” significa “menu, cardápio” (OXFORD, 2013, p. 553), porém “cardápio” é a palavra mais comum no Brasil.

A título de curiosidade, no Reino Unido e em alguns países da *Commonwealth*, a palavra “*pudding*” pode ser usada para descrever pratos doces e salgados. Porém, se não for qualificado, geralmente, significa uma sobremesa. Os pratos doces contêm amido ou leite, como “*rice pudding*”, ou, ainda, contêm misturas de bolo, como “*Treacle sponge pudding*”, adicionando ou não frutas secas, como no “*Christmas pudding*”. Os pratos salgados são “*Yorkshire pudding*”, “*black pudding*”, “*suet pudding*” e “*steak and kidney pudding*”. Nos Estados Unidos e em algumas partes do Canadá, o pudim significa uma sobremesa doce à base de leite com consistência semelhante a cremes ou musse.⁸

Por outro lado, a palavra francesa “*mousse*” é usada no Brasil e está presente no VOLP como palavra estrangeira, mas essa palavra tem um correspondente em português que também consta no VOLP: “musse”; neste caso, ocorre o procedimento da aclimatação, no qual o termo estrangeiro foi adaptado à fonologia e morfologia da língua de chegada (BARBOSA, 2004). Assim, para decidir entre as duas formas, procurei saber qual forma era mais usual, porém, em geral, as confeitarias e cafeterias se dividem entre o uso das duas grafias e qualquer um dos dois traz à memória o doce a que se referem. Assim, escolhi o termo “musse”, pois se assemelha mais à pronúncia da palavra.

EXEMPLO 11

Texto de partida	Texto traduzido
[...] <i>I buy myself Vogue and a bag of Minstrels</i> [...] (Kinsella, 2003, p. 106)	[...] comprei uma revista Vogue e uma caixa de chocolate Minstrels . (Dellaparte, 2016)

Para traduzir “*a bag of Minstrels*”, optei por “uma caixa de chocolate *Minstrels*”. Para tanto, houve o uso de duas estratégias de tradução: explicitação e

⁸ Fonte: site Wikipédia. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Pudding>. Acesso em 30/11/2016.

modulação. Essa tradução não trouxe muita dificuldade, a questão principal é que se fizesse uma tradução palavra-por-palavra do referido termo, não faria muito sentido para os brasileiros, já que “*Minstrels*” não é conhecido no Brasil. Por isso, houve explicitação, quando os elementos ausentes no texto de partida devem estar presentes no texto de chegada (BARBOSA, 2004). Assim, o elemento ausente no texto em inglês é a palavra “chocolate”, que foi omitida por ser do conhecimento de seus falantes que “*Minstrels*” é um chocolate. Na tradução, deve ser incluído o termo “chocolate” para a total compreensão dos leitores do produto que a personagem comprou.

Além disso, é possível dizer que houve modulação ao reproduzir a mensagem original – “*a bag of Minstrels*” – sob outro ponto de vista na tradução – “uma caixa de chocolate Minstrels” –, já que há diferença no modo como as línguas interpretam a realidade (BARBOSA, 2004), pois não é comum que se compre chocolates em uma sacola ou saquinho no Brasil, na verdade, compra-se chocolate em caixas e tabletes.

Por último, alguns esclarecimentos sobre o termo “*Minstrels*”, o nome completo do produto é “*Galaxy Minstrels*”, sendo “*Minstrels*” o nome mais conhecido. O chocolate desse produto é cremoso e crocante no formato de bolinhas. Tal chocolate é propriedade da empresa *Mars Incorporated*, que se preocupa com saúde e bem-estar e promove estilos de vida saudáveis.⁹

EXEMPLO 12

Texto de partida	Texto traduzido
<i>I've gone off the tiger prawn recipe because it turns out tiger prawns are very expensive.</i> (Kinsella, 2003, p. 106)	Desisti de fazer a receita com camarão tigre , porque descobri que esse camarão é muito caro. (Dellaparte, 2016)

Para traduzir “*tiger prawn*” e “*tiger prawns*”, escolhi “camarão tigre” e “esse camarão”. Uma estratégia usada foi a tradução literal, pois há convergência entre os sistemas linguísticos quanto ao termo “*tiger prawn*”, o qual significa “camarão tigre”, de acordo com o Dicionário de Termos Gastronômicos em Seis Idiomas (2015, p. 95). Dessa forma, foi mantida a semântica do texto de partida,

⁹ Fonte: site da Galaxy. Disponível em <https://www.galaxychocolate.co.uk/>. Acesso em 01/12/2016.

mas o termo foi adequado à estrutura morfossintática da língua de chegada (AUBERT, 1987), em que se inverteu a ordem das palavras na frase. Além disso, na segunda ocorrência do termo, foi escolhido o procedimento da omissão, já que o elemento do texto de partida ficaria repetitivo sob a ótica da língua do texto de chegada (BARBOSA, 2004); portanto, resolvi omitir a palavra “tigre” e fazer a conexão entre os dois termos com o pronome demonstrativo “esse”.

EXEMPLO 13

Texto de partida	Texto traduzido
<p><i>“What’s allspice?” she says, holding up a pot curiously. “Is it all the spices, mixed together?”</i> (Kinsella, 2003, p. 107)</p>	<p>– O que é allspice? – ela perguntou, segurando um pote com curiosidade. – É uma mistura de todos os temperos? (Dellaparte, 2016)</p>

Para traduzir “*allspice*” e “*mixed*”, optei por manter o primeiro termo e traduzir o segundo por “mistura”, fazendo uso dos procedimentos de compensação e de transposição.

A estratégia da compensação é o deslocamento de um recurso estilístico para outro ponto do texto de chegada, quando não for possível reproduzi-lo na mesma parte do texto de partida (BARBOSA, 2004). Entretanto, se tal estratégia for considerada de forma mais ampla, isto é, sem se restringir ao efeito estilístico, pode-se dizer que, ao manter a palavra em inglês “*allspice*”, o objetivo é compensar a escolha da autora em usar um trocadilho, porque, se o referido termo fosse traduzido palavra-por-palavra, o texto ficaria: “O que é pimenta-da-jamaica?”, mas a próxima fala perderia sentido: “É uma mistura de todos os temperos?”. Ocorre que o termo separado “*all spice*” significa “todos os temperos” e o termo junto “*allspice*” significa “pimenta-da-jamaica”, conforme o Dicionário de Termos Gastronômicos em Seis Idiomas (2015, p. 293), e é esse trocadilho que leva à fala equivocada da personagem. Por isso, deve ser mantido o termo em inglês para compensar o trocadilho.

Além disso, foi usado o procedimento da transposição, quando, na tradução, houve a mudança da categoria gramatical de um termo presente no texto de partida (BARBOSA, 2004). Neste caso, a palavra “*mixed*” era um “verbo” e passou a ser “substantivo feminino” com a tradução para “mistura”.

EXEMPLO 14

Texto de partida	Texto traduzido
<p>[...] I drain my basmati rice, take my ready-made nans out of the oven [...] (Kinsella, 2003, p. 109)</p>	<p>[...] escorri a água do meu arroz basmati, tirei meus pães naans semiprontos do forno [...] (Dellaparte, 2016)</p>

Para traduzir “*basmati rice*” e “*nans*”, escolhi “arroz basmati” e “pães *naans*”, respectivamente. As estratégias de tradução adotadas foram tradução literal e transferência com explicação. Entendi que seria um caso do procedimento de melhorias ao não repetir na tradução os erros do texto de partida (BARBOSA, 2004), já que, durante a minha pesquisa para descobrir o que seria “*nans*”, encontrei vários sites que traziam “*naan bread*” (“pão naan”), ou seja, o termo “*nan*” deveria ser escrito com dois “a”. Contudo, as duas grafias são válidas, sendo que “naan” com dois “a” é a maneira predominante de ser escrever, pois o dicionário *Merriam-Webster Online* apontou que a grafia com apenas um “a” é uma forma variante menos comum do termo “naan”.¹⁰ Portanto, optei por escrever o termo que é mais comum, isto é, com dois “a”.

Por estar relacionado ao exposto acima, fala-se primeiro do procedimento da transferência com explicação, em que o contexto não permitiu a compreensão acerca do significado do estrangeirismo; assim, deve-se acrescentar ao termo uma explicação, a qual foi diluída no texto (BARBOSA, 2004). Dessa forma, não foi possível compreender o que eram “*nans*” pelo contexto, uma vez que em nenhum momento a personagem menciona que são pães. Eu só entendi o significado quando soube que tal termo é um dos vários tipos de pães indianos, sendo necessário explicar que se trata de pães.

No tocante ao procedimento de tradução literal, manteve-se a semântica do termo do texto de partida, mas ele foi adequado para a estrutura morfossintática da língua de chegada (AUBERT, 1987), em que foi preciso inverter a ordem das palavras. Com isso, o termo “*basmati rice*” foi traduzido por “arroz basmati”, este termo é usado no Brasil e muitos supermercados vendem esse tipo de arroz.¹¹

¹⁰ “*Naan*” in dicionário Merriam-Webster Online. Disponível em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/naan>. Acesso em 04/11/2016.

¹¹ A título de curiosidade, o Dicionário da Gastronomia de Myrna Corrêa (2016) traz a definição dos dois termos: “Arroz basmati (port.). O nome *basmati* (hindu) significa ‘muito aromático’. Tem grãos

EXEMPLO 15

Texto de partida	Texto traduzido
<p><i>“It’s delicious! It’s the most delicious curry I’ve ever tasted.”</i> (Kinsella, 2003, p. 111)</p>	<p>– Está delicioso! É o curry mais delicioso que já provei. (Dellaparte, 2016)</p>

Para traduzir o termo “*curry*”, optei por mantê-lo, remetendo ao procedimento tradutório do estrangeirismo, já que ocorreu a transferência do vocábulo da língua de partida para a língua de chegada (BARBOSA, 2004). A palavra inglesa “*curry*” é usada no Brasil, mas ela também sofreu aclimatação ao ser adaptada à estrutura fonológica e morfológica da língua de chegada (BARBOSA, 2004) com a palavra aportuguesada “caril”, sendo que a grafia de ambos os termos constam no VOLP. No entanto, o dicionário Houaiss (2009, p. 406) esclarece, ao final da definição de “caril”, que “no Brasil, usa-se preferencialmente a palavra inglesa *curry*”. Dessa forma, por ser mais comum, escolhi manter a palavra inglesa.

EXEMPLO 16

Texto de partida	Texto traduzido
<p><i>“Ahm...” I say, glancing hurriedly at the menu. “I think I’ll just have ... erm ... fish cakes. And rocket salad.”</i> (Kinsella, 2003, p. 180)</p>	<p>– Ahã... – eu digo, olhando rapidamente para o cardápio. – Eu acho que vou querer ... uhm ... bolinhos de peixes. E salada de rúcula. (Dellaparte, 2016)</p>

Para traduzir “*fish cakes*” e “*rocket salad*”, escolhi “bolinhos de peixes” e “salada de rúcula”, respectivamente. Neste caso, o procedimento foi o da tradução literal, porque permaneceu a semântica do texto de partida, sendo, porém, feita a adequação dos termos para a estrutura morfossintática da língua de chegada (AUBERT, 1987). Isto é, houve a inversão da ordem das palavras na frase e a adição da preposição “de” para se adequar à língua de chegada. Os termos são bem comuns no vocabulário: “*fish cakes*” significa “bolinhos de peixe”, conforme o Dicionário de Termos Gastronômicos em Seis Idiomas (2015, p. 79), e “*rocket salad*”, significa “salada de rúcula”, porque a palavra “*rocket*” é “rúcula” e “*salad*” é “salada”.

finos e longos [...]” (p. 44) e “Naan. Origem: Índia. Pão feito com farinha branca e fermentos naturais leves [...]” (p.331).

Neste exemplo, pensei em utilizar o procedimento da reconstrução de períodos ao fazer o reagrupamento da oração do texto de partida na tradução (BARBOSA, 2004) no tocante ao ponto final entre o bolinho e a salada. Entretanto, parece que a autora quis passar a ideia de indecisão da personagem na escolha de seu pranto, fazendo uso da pontuação, como as reticências e o ponto final, para dar uma pequena pausa enquanto a personagem olha o cardápio rapidamente para fazer sua escolha.

EXEMPLO 17

Texto de partida	Texto traduzido
<p><i>By the time I'm toying listlessly with chocolate feulliantine, lavender honey ice cream, and caramelized pears, it's about midnight, and my head is starting to droop.</i> (Kinsella, 2003, p. 339)</p>	<p>Enquanto eu brincava distraidamente com o chocolate <i>feulliantine</i>, o sorvete de mel e as peras caramelizadas, já era meia-noite, e minha cabeça estava ficando pesada. (Dellaparte, 2016)</p>

Primeiramente, o termo “*chocolate feulliantine*” foi muito complicado e, por isso, vou analisá-lo separadamente no próximo Exemplo.

Para traduzir “*lavender honey ice cream*” e “*caramelized pears*”, optei por “sorvete de mel” e “peras caramelizadas”, respectivamente. Assim, houve o procedimento de tradução literal para os dois termos e de omissão para o primeiro termo. Quanto ao procedimento de tradução literal, manteve-se a semântica do termo do texto de partida, mas houve uma adequação para a estrutura morfossintática da língua de chegada (AUBERT, 1987), em que foi preciso inverter a ordem das palavras. Com isso, “sorvete” precedeu o termo “mel” e acrescentou o “de”, ficando “sorvete de mel”, e “peras” precedeu “caramelizadas”, ficando “peras caramelizadas”; ressalta-se que outra tradução para “*caramelized*” é “carameladas”, pois este e aquele termo são sinônimos, de acordo o dicionário de gastronomia (2016).

Em relação à estratégia da omissão, se um elemento do texto de partida é desnecessário ou repetitivo sob a ótica da língua do texto de chegada, ele pode ser omitido (BARBOSA, 2004); portanto, escolhi omitir e não traduzir a palavra “*lavender*” (“lavanda”) no termo “sorvete de mel” por considerá-la desnecessária, uma vez que tal palavra está adjetivando “mel”, ou seja, é um mel feito pelas abelhas usando o néctar da planta lavanda. Até porque, ao se falar em “sorvete de

mel” e “sorvete de mel de lavanda”, ambos os termos trazem uma imagem semelhante à memória: o sorvete tem gosto de mel.

EXEMPLO 18

Texto de partida	Texto traduzido
<p><i>By the time I'm toying listlessly with chocolate feulliantine, lavender honey ice cream, and caramelized pears, it's about midnight, and my head is starting to droop.</i> (Kinsella, 2003, p. 339)</p>	<p>Enquanto eu brincava distraidamente com o chocolate feillantine, o sorvete de mel e as peras caramelizadas, já era meia-noite, e minha cabeça estava ficando pesada. (Dellaparte, 2016)</p>

Para traduzir “*chocolate feulliantine*”, optei por “*chocolate feillantine*”, remetendo aos procedimentos tradutórios de melhorias e estrangeirismo. Houve a estratégia de melhorias quando eu não repeti na tradução o erro cometido no texto de partida (BARBOSA, 2004), visto que encontrei em vários sites na Internet, inclusive sites franceses, que a grafia do termo “*feulliantine*” está escrito errado em inglês; o certo é “*feillantine*” com “i” depois do “u” e não depois de “ll”.

A outra estratégia adotada foi o estrangeirismo com a palavra “*feillantine*”. Entretanto, antes de optar pelo estrangeirismo, eu tentei encontrar uma tradução, por isso fiz várias pesquisas em livros e na Internet. Nos livros de gastronomia e dicionários, não encontrei esse termo. Na Internet, o dicionário infopédia traz que “*feillantine*”, quando relacionado à culinária, significa “massa folhada”; porém, o mesmo dicionário indica que “*patê feuilleté*” significa “massa folhada”.¹² Esta concepção é corroborada pelo *French-English Bilingual Visual Dictionary* (2005, p. 140), em que o termo “*la patê feuilletée*” é traduzido por “*puff pastry*” e, esta palavra inglesa, significa “massa folhada” em português (*Portuguese-English Bilingual Visual Dictionary*, 2010, p. 140).

Dessa maneira, eu ainda não sabia como traduzir o termo e nem o que significava, por isso procurei essa palavra em sites franceses. O dicionário de francês Larousse definiu que “*feillantine*” é um “bolo de massa folhada umedecido em clara de ovo e polvilhado com açúcar antes de assar”¹³ (tradução nossa). O site

¹² Dicionário Infopédia de Francês|Português. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/frances-portugues>. Acesso em 04/11/2016.

¹³ *Feillantine*: “*Gâteau en pâte feuilletée humecté de blanc d’œuf et saupoudré de sucre en grains avant cuisson*”. Site *Dictionnaires de français Larousse*. Disponível em <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/feillantine/33461?q=feillantine#33391>. Acesso em 04/11/2016.

francês “750g” trouxe que “o feuillantine é um preparo que produz sobremesas crocantes”¹⁴ (tradução nossa). Assim, como tal termo se refere a uma técnica da área gastronômica que é desconhecida pelos falantes da língua de chegada, houve o estrangeirismo com a transferência do termo francês para o texto em português (BARBOSA, 2004).

EXEMPLO 19

Texto de partida	Texto traduzido
<p><i>“How’s the chocolate thing?” says Luke, finishing a mouthful of cheesecake.</i> (Kinsella, 2003, p. 339)</p>	<p>– Como está a coisa de chocolate? – perguntou Luke, terminando de comer um pedaço de cheesecake. (Dellaparte, 2016)</p>

Para traduzir o termo “*cheesecake*”, escolhi por manter a palavra inglesa “*cheesecake*”, usando, assim, a estratégia de tradução: estrangeirismo. Neste procedimento, há a transferência do vocábulo do original para a língua de chegada (BARBOSA, 2004). Além disso, a palavra “*cheesecake*” já é muito usada no Brasil; e consta no dicionário Priberam, o qual traz a definição da palavra e estabelece que é um substantivo masculino, e no livro de receitas *Dona Benta*. No entanto, essa palavra ainda não foi incluída no VOLP.

EXEMPLO 20

Texto de partida	Texto traduzido
<p><i>So now my stomach feels as though it’s the size of Christmas pudding, and just as heavy.</i> (Kinsella, 2003, p. 339)</p>	<p>Então, agora, eu sinto o meu estômago do tamanho de uma melancia, e tão pesado quanto. (Dellaparte, 2016)</p>

Para traduzir “*Christmas pudding*”, escolhi o termo “uma melancia”, usando a estratégia da modulação. Não seria o procedimento de equivalência, pois este é normalmente usado para clichês, expressões idiomáticas e provérbios (BARBOSA, 2004), o que não é o caso. Por outro lado, a modulação é a reprodução da mensagem do texto da língua de partida sob um ponto diverso na língua de chegada (BARBOSA, 2004).

¹⁴ *Feuillantine*: “*La feuillantine est une préparation qui apporte du croquant aux dessert*”. Site 750g. Disponível em http://www.750g.com/recettes_feuillantine.htm. Acesso em 04/11/2016.

Essa tradução também foi difícil, uma vez que traduzir literalmente “*the size of Christmas pudding*” por “do tamanho de um pudim de Natal”,¹⁵ não faz muito sentido no português. O pudim britânico é redondo, alto, grande e sem buraco no meio e o pudim brasileiro (geralmente de leite condensado) é redondo, fino, leve e com um buraco no meio. Além disso, o pudim não é uma tradição no Natal, isto é, tal comparação não faria sentido para muitos brasileiros, visto que nem todos comem pudim no Natal. A imagem de pudim, evocada pelos ingleses e pelos brasileiros é, pois, muito divergente. Outra solução poderia ser “um peru de Natal”, mas, apesar de ser mais comum se ter no Natal brasileiro a figura do peru, não é uma expressão que se usa no dia-a-dia. Quando algo é grande, as pessoas costumam falar que isso é “do tamanho de um elefante” ou “do tamanho de uma melancia”. Por isso, escolhi traduzir por algo grande, pesado e que também é um alimento como a “melancia”, não traduz literalmente, mas é um ponto de vista diferente da realidade para manter a mensagem do texto em inglês.

A título de curiosidade, algumas expressões encontradas relacionadas à comida são: “ser bom de garfo” (ter o costume de comer muito); “ter o olho maior que a barriga” (ser guloso); e, “estômago de avestruz” (aquele que come demais).¹⁶

Destaca-se que, ao longo do texto traduzido, o procedimento tradutório de omissão ocorreu muitas vezes; por exemplo, no tocante aos pronomes pessoais, pois, no português, não se costuma usar tanto os pronomes pessoais na posição de sujeito devido às desinências verbais que determinam o seu sujeito. Houve, ainda, a estratégia de explicitação em relação aos artigos definidos e indefinidos que, muitas vezes, são omitidos antes de substantivos no texto em inglês, mas, no português, é preciso acrescentá-los.

Por último, houve também o procedimento da transliteração com a substituição das aspas usadas para determinar as falas dos personagens no texto em inglês pelo travessão no texto em português, visto que a pontuação usada no português para os diálogos entre personagens de textos literários é o travessão. Contudo, não houve a ocorrência do procedimento de decalque.

¹⁵ Neste caso, o texto em inglês está se referindo a uma única sobremesa, o “pudim”, e não às sobremesas em gerais, como foi apresentada a definição de “*pudding*” no exemplo 10, pois o “pudim de Natal” é uma tradição na Grã-Bretanha e Irlanda. Fonte: site Wikipédia. Disponível em https://en.m.wikipedia.org/wiki/Christmas_pudding. Acesso em 04/11/2016.

¹⁶ Fonte: Expressões de Comida. Dicionário Criativo. Disponível em: <http://dicionariocriativo.com.br/expresoes/comida/comida>. Acesso em 12/12/2016.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste Projeto Final, foi apresentada a tradução de parte da obra literária da *Confessions of a Shopaholic* de Sophie Kinsella, publicado pela Bantam Dell, em Nova Iorque, em 2003. A escolha da referida obra ocorreu em razão de ter se encontrado termos referentes a comida e bebidas presentes em uma obra literária, uma vez que, em geral, o leitor desse tipo de livro não possui o conhecimento técnico acerca da área gastronômica e tal fato deve ser considerado durante o processo tradutório.

Na tradução e na pesquisa dos termos, foram usados sites da internet e dicionários *on line* e físicos do português e do inglês, inclusive o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa para verificar a existência ou não de alguns termos no português. Além disso, na tradução, foram adotados os procedimentos técnicos de tradução propostos por Barbosa (2004) e foram apresentadas as contribuições teóricas de outros autores, como Toury (1995), Even-Zohar (1990), Newmark (1988), Bassnett (2003), Britto (2010), Jakobson (1971), Guimarães (2011), dentre outros.

Foi possível observar que os procedimentos tradutórios de estrangeirismo e de tradução literal foram os mais utilizados. Em se tratando de termos envolvendo comidas e bebidas, é compreensível o uso do estrangeirismo, visto que são vocábulos ou expressões que se referem a um conceito, técnica ou objeto da língua de partida que não são muito conhecidos pelos falantes da língua de chegada; por isso, é preciso fazer a transferência do termo. Além disso, por serem sistemas diversos, a tradução literal ajuda a manter uma correspondência semântica (ou seja, o significado dos termos), mas adequando a morfossintaxe às normas gramaticais da língua de chegada.

Ademais, nos exemplos analisados, junto com a função de mediador linguístico, percebe-se o papel do tradutor como mediador cultural. Isso porque o tradutor possibilita a interação entre diferentes culturas, auxiliando o autor para que ele consiga alcançar o público da língua de chegada. Assim, durante o processo tradutório, a escolha entre a tradução literal e o alinhamento ao texto de partida deve considerar os diferentes contextos, já que os fatores extralinguísticos, como a cultura, também influenciarão a tomada de decisão.

Por fim, a tradução da referida obra foi uma experiência desafiadora e empolgante, em que foi possível aprender mais sobre o processo tradutório, vivenciando a prática da tradução literária e imaginando como seria se a tradução tivesse sido publicada. Ainda, conclui-se que a tradução literária não é uma atividade muito fácil, pois há dificuldades durante a tradução, não por desconhecimento da língua de partida, e sim por querer escolher o melhor termo que se encaixa no contexto apresentado pela autora.

REFERÊNCIAS

AUBERT, Francis. **A tradução literal**: impossibilidade, inadequação ou meta? In *Ilha do Desterro*, nº 17, 1987, p. 13-20.

BALLESTEROS, Maria de los Ángeles Castro. **O tratamento de aspectos culturais no processo de tradução: uma análise da tradução de Mafalda de Quino**. In: Trem de Letras - Revista do Depto. de Letras da Unifal-MG, v. 1, n. 1, 2012. Disponível em <http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/37>

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**: Uma nova proposta. Pontes: Campinas, 2004.

BASSNETT, Susan. **Estudos de tradução**: fundamentos de uma disciplina. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2003.

BENTA, Dona. **Dona Benta**: comer bem. 77 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2013.

BRITTO, Paulo Henriques. O tradutor como mediador cultural. In *Synergies Brésil*, nº *special 2*, 2010, p. 135-141. Disponível em [gerflint.fr>Base>Bresil_special2>britto](http://gerflint.fr/Base/Bresil_special2>britto). [pdf]. Acesso em 02/11/2016.

CAMBRIDGE Dictionary. Disponível em <http://dictionary.cambridge.org/pt/>

CAMPOS, Haroldo. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CHICK LIT. Site Wikipédia. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Chick_lit. Acesso em 05/09/2016.

CHRISTMAS pudding. Site Wikipedia. Disponível em https://en.m.wikipedia.org/wiki/Christmas_pudding. Acesso em 04/11/2016.

CONFESSIONS of a Shopaholic (film). Site Wikipedia. Disponível em [https://en.wikipedia.org/wiki/Confessions_of_a_Shopaholic_\(film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Confessions_of_a_Shopaholic_(film)). Acesso em 19/10/2016.

CORRÊA, Myrna Freitas. **Dicionário de gastronomia**. 1 ed. São Paulo: Matriz, 2016.

COSTA, Ana Teresa Perez. **Brasil mostrando a sua cara**: estratégias de tradução no material de divulgação cultural - um estudo baseado em corpus. Dissertação de mestrado (UnB). Orientador: Mark David Ridd. Brasília, 2006.

DICIONÁRIO Infopédia de Francês|Português. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/frances-portugues>. Acesso em 04/11/2016.

DICIONÁRIO Oxford Escolar para estudantes brasileiros de inglês: port.-ingl. e ingl.-port. Oxford University Press, 2013.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa Online. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/>

EVEN-ZOHAR, Itamar. **Polysystem studies**. In *Poetics today*, vol. 11, n.1, 1990.

EXPRESSÕES de Comida. Dicionário Criativo. Disponível em: <http://dicionariocriativo.com.br/expressoes/comida/comida>. Acesso em 12/12/2016.

FEUILLANTINE. Site Dictionnaires de Français Larousse. Disponível em <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/feuillantine/33461?q=feuillantine#33391>. Acesso em 04/11/2016.

FRENCH-English Bilingual Visual Dictionary, New York, DK Publishing, 2005.

GALAXY Minstrels. Site da Galaxy Chocolate. Disponível em <https://www.galaxychocolate.co.uk/>. Acesso em 01/12/2016.

GRUPO Editorial Record. Sinopse de “Becky Bloom: Delírios de Consumo na 5ª Avenida. Disponível em http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=22032. Acesso em 05/09/2016.

GUIMARÃES, Raquel. **Tradução do conto A Faixa Pintada (*The Speckled Band*) da obra *The Adventures of Sherlock Holmes***. Projeto Final do Curso de Tradução (UnB). Orientadora: Débora Cabral Lima. Brasília, 2011.

HARDEN, Alessandra; REIS, Natália. **Receitas culinárias e tradução: ligação entre culturas e ciências**. *Belas Infieis*, v. 2, n. 2, p. 31-41, 2013.

HATJE-FAGGION, Válmi. **Tradutores de Machado de Assis: escolhas e preferências na tradução de comidas e bebidas brasileiras em mundos estrangeiros**. Palestra proferida no V Seminário Internacional de História da Tradução e da Tradução Literária. Universidade de Brasília- UnB. 10-12 de agosto de 2016.

HERMANS, Theo (editor). **The manipulation of literature: studies in literary translation**. Routledge: New York, 2014.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1971, p. 63-72.

KATAN, David. **Translating cultures: an introduction for translators, interpreters and mediators**. 2 ed. Routledge: New York, 2014.

KINSELLA, Sophie. **Confessions of a Shopaholic**. Bantam Dell: New York, 2003.

_____. **Os Delírios de consumo de Becky Bloom**. 7 ed. Tradução de Eliane Fraga. Record: Rio de Janeiro, 2004.

_____. Site oficial da escritora: <http://www.sophiekinsella.co.uk/>.

LANDERS, Clifford E. **Literary translation: a practical guide**. Multilingual Matters: Clevedon, 2001.

MACMILLAN Dictionary. Disponível em <http://www.macmillandictionary.com/>

MERRIAM-Webster Dictionary Online. Disponível em <http://www.merriam-webster.com/>

MOLHO Béarnaise. Site do *chef* francês Olivier Anquier. Disponível em <http://www.olivieranquier.com.br/novo/2014/02/molho-bearnaise/>. Acesso em 04/10/2016.

NEWMARK, Peter. **A textbook of translation**. New York, London: Prentice Hall, 1988.

NORD, Christiane. **Translating as a Purposeful Activity: Functionalism Approaches Explained**. St. Jerome Publishing: Manchester, 1997.

PORTUGUESE-English Bilingual Visual Dictionary. New York: DK Publishing, 2010.

PUDDING. Site Wikipédia. Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Pudding>. Acesso em 30/11/2016.

RECETTES Feuillantine. Site 750g. Disponível em http://www.750g.com/recettes_feuillantine.htm. Acesso em 04/11/2016.

SALDANHA, Roberta Malta. **Dicionário de Termos Gastronômicos em Seis Idiomas**. Trad. Flash Idiomas. Rio de Janeiro: Ed. Senac, 2015.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. Trad. M. Von Muhlen Poll. In Heidermann, W. (org.). *Clássicos da teoria da tradução: antologia bilíngue, alemão-português* (vol. 1). UFSC: Florianópolis, 2001.

TEIXEIRA, Elisa Duarte. **A Linguística de Corpus a serviço do tradutor: proposta de um dicionário de Culinária voltado para a produção textual**. 2008. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

TOURY, Gideon. **Descriptive translation studies and beyond**. John Benjamins: Amsterdam, 1995.

VOLP - Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23>

WORD Reference. Disponível em <http://www.wordreference.com/>

ANEXOS

Os anexos foram retirados por questões de direitos autorais.